

Assign. por mez 1:000 rs.



PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Aviso importante
Participamos ao publico que
o presidente da provincia —
José Lustosa da Cunha Para-
naguá, não quis pagar ao
nosso cobrador dois mezes
de assignatura que nos fi-
cou a dever; colligindo-se d'a-
quí, que elle não passa d'um...



Expediente

O MOLEQUE publica-se quatro vezes por mez

Assignatura

Por mez.....1\$000.—Pórté franco.

Pagamento adiantado

Os autographos que nos fôrem remettidos sejam ou não publicados, nã o serão restituidos.

Publicações—o que se convencionar

Toda a correspondencia deve ser dirigida à *Redacção do Moleque*, á Rua da Constituição n.72—SANTA CATHARINA.

PERFIS Á VAPOR

Bernardino Varella

Fui-lhe apresentado, pela primeira vez, pelo meu grande amigo Cruz e Souza.

Estava elle sentado á meza da escripta, a lêr pausadamente, em voz alta, palpitante de enthusiasmo, uma obra do erudito conego Oliveira Paiva, quando o nosso vibrante e importuno, *Dá licença?* o interrompeu.

Voltou-se, e enchergando-nos á porta, levantou-se apressadamente, mandando-nos entrar, e recebendo-nos com uma agradabilidade intima, sincera, radiante de bom humôr.

Senti-me desde logo satisfeito e feliz, por inaugurar conhecimento com uma personalidade tão distincta e superior, que sabia tratar, com a franca desprevenção de uma amizade antiga, a quem tinha a honra de fallar-lhe pela primeira vez.

E, depois dos cumprimentos de uma apresentação, sentamo-nos, e conversamos largamente sobre litteratura, durante duas horas, e cada vez esse homem me impressionava mais, e cada vez a sua estatura intellectual se tornava maior, dentro do grande conceito em que eu a tinha collocado.

Ao despedir-nos, já uma sympathia profunda e elevada pela sua individualidade, alagava-me todo o peito.

Por muitos dias elle foi a minha mais forte preocupação.

A sua altura fôra do commum, lembrando, como diz o glorioso Guerra Junqueiro, *esses tempos viris em que a matéria produzia gigant s de bondade*, a sua immensa modestia, o seu modo de fallar tão attrahente, a sua franqueza, o seu talento e os seus conhecimentos, produzi-

ram em mim uma impressão brilhante, duradôra, inextinguivel.

Desde esse tempo até hoje, tenho frequentado algumas vezes a sua casa, e ouvido attentamente, n'uma expansão de alegria, a sua voz autorisada e sabia, sobre a litteratura antiga e moderna, e especialmente sobre a valente Escola Positivista que tem por mestres Zola, Jean Richepin e outros—na França— e Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro—em Portugal—.

Bernardino Varella, posto que tivesse nascido e feito a sua educação litteraria sob a influencia e em pleno dominio do romantismo de 1830, tem um grande fanatismo pela escola moderna, e reconhece perfeitamente todas as vantagens e toda a profundidade das suas bronzeas e inabalaveis theorias.

Elle vê n'ella a escola da originidade e da critica, da observação e da realidade, do que se move, tem vida e evoluciona, a escola enfim, que é inimiga rancorosa da chapa, que se alimenta ao esplendido e exuberante seio da Sciencia, e que não possui, nem admite aquellas tolices e aquelle pieguismo rasgado da escola atrasada e sem orientação.

D'hi a ampla comprovação do seu largo merito, do seu verdadeiro talento.

Bernardino Varella, appareceu na imprensa como poeta e como prosador.

Na poesia, o seu molde mais querido, era o soneto bocageano, muito em voga n'esse tempo, e que elle sabia lapidar com gosto e com cuidado. Na prosa, o seu estylo era correcto e agradável, apesar da sua linguagem desenfutada e simples.

Não conheço, até hoje, ninguem mais inconsciente do seu valor do que elle, nem tão exageradamente modesto.

Em todas as suas produções, nota-se isto naturalmente, de um modo sentido, e não como costumão fazer calculadamente certos poetas, para mais facilmente colherem elogios.

E para provar toda esta asserção, o leitor que o julgue pelo seguinte terceto, encontrado na ultima pagina do album de uma moça:

«Sou zéro para o seu merecimento:
«Amo, é certo, os encantos da Poesia,
«Mas pobre é minha Musa e o meu talento.

E esta modestia tamanha que elle possui, acompanhada de um reconcentramento triste de monge, tem sido o que

mais tem concorrido para a sua obridade e para a acanhada posição que se acha ainda.

Elle nunca aceitou altos empregos porque se julgava sempre inferior occupal-os; e entretanto não conta aqui, ninguem mais apto, nem mais gno para exercel-os.

Bernardino Varella, possui, alem das grandes qualidades que acima mencionei, um caracter elevadissimo, maculado.

Estimo-o sinceramente por isso, e ainda pelo desconhecimento completo palavra—egoismo—, que desde as primeiras raças, gravou-se no coração dos homens.

Viriato Reis.

(RAPIDAMENTE)

O para n'agua

POEMA REALISTA

1.º Canto

PELAS REPARTIÇÕES

Desceu a Praça, a proado
A' outra *Thesouraria*,
E já um tanto amollado,
Ás onze horas do dia,

Percorre a *Provincial*,
E examina sem lêr
Os livros; e diz:—Tal qual,
Estão como devem ser.

E perguntando o lugar
Onde o telephone está,
Vae do criado indagar
Se o café está prompto, já.

E querendo, com cuidado,
Mostrar que tudo entendia,
Pôz-se por traz d'um empregado
Que um longo officio fazia,

A mover muito com a bocca,
Fingindo que estava a ler,
O grande cachóla ôca,
Sem nada comprehender.

Segue pr'a *Policia* então,
E subindo a tórta escada,
Deixa d'ir a repartição
P'ra debruçar-se á sacada!

Acha que a vista é excellente
Lá para as bandas do mar,
E ri-se bestialmente
De vêr um bóte virar!

Falla com o Chefe em politica
E mais em certas porqueiras...
E da cabeça rachitica
Derrama milhões de asneiras.

Despede-se, e dèscê a escada
De chapéo inda na mão,
A rir-se, porque a creada
Lhe parecera um peixão.

No outro dia foi ver
Com o secretario a *Instrucção*
Publica, p'ra poder saber
Se aquillo ia bem ou não.

E depois de olhar p'ra tudo,
Livros e mais papelada,
Com ar de besta, um ar mudo,
Voltava, descendo a escada.

Em seguida elle quiz ir
Na *Bibliotheca* entrar,
Para melhor colligir
Se alli podia se estar

Lendo á vontade, e se havia
Edição encardenada
D'um livro que elle queria,
E se chamava—*Martinhada*.

(Continua)

Alfredo Delorm

LITTERATURA

CONTO REALISTA

Elle era a perola dos maridos. Casado
havia seis annos, amava ainda a mulher
com aquelle ardor dos primeiros dias.

Tinha para ella olhares doces, ternos,
cheios de uma tristeza ideal; sorrisos côr
do céo, formosos, fascinantes; fallas apai-
xonadas, longas, e repassadas de uma
melodia melancolica e sentimental.

Estava quasi sempre em essa, na pe-
quena sala forrada de papel *gris perle*;
sendo-a ao lado seu n'um estaci roman-
tico, ineffavel; vendo-lhe o arfar do seio
primoroso e sentindo o seu halito arden-
te queimar-lhe as faces.

Quando sahia, voltava logo e trazia-
lhe, como lembrança, um côrte de vesti-
do, um broche de ouro e muitas vezes
alguns doces finos, quentes, cujo cheiro

gorduroso da massa, provocava o appe-
tite.

Tinha apenas vinte e seis annos, cha-
mava-se Raul; era um rapaz sympathico
intelligente, generoso e bom.

Elvira, mais moça seis annos, mostra-
va ser uma destas mulheres do mundo.

Era o typo da belleza, mas da belleza
deslumbrante e rara. Tinha os olhos ne-
gros capazes de enlouquecer, e os labios
vermelhos como a romã.

Aos quatorze annos já morria por casar
depois padecia de ataques hystericos,
nervosos.

A familia, conhecedora das qualidades
de Raul, cedeu a mão de Elvira e apres-
sou-se a estabelecer essa união.

Os primeiros mezes foram de um viver
de paraíso.

Entraram na *lua de mel*. Sempre junti-
nhos, viviam em abraços, em scismas, e
muitas vezes aos boijos.

Passaram-se os annos.

Raul amava aquelle silencio, era feliz
nesse novo Eden, onde vivia ignorado e
mysterioso.

Mas Elvira que estava agora na desen-
voltura das fórmas, na idade das paixões
e dos affectos, aborrecia esse viver mono-
tono e socegado.

Ambicionava o mundo, queria o ar das
cidades, os prazeres, o bulicio e a luz en-
ganadora dos salões.

Raul a levava nos theatros e aos bailes,
só para satisfazer-lhe a vontade; tinha
summa predilecção em vel-a alegre, sosi-
nha.

Esses e outros divertimentos não eram
sufficientes para saciar a immensa sêde de
prazeres de Elvira; seu coração se abria
às emoções dos vinte annos, essa idade em
que o corpo se deixa arrastar ao abysmo,
pois ferve nas veias um sangue puro, porém
ardente e impetuso.

Se Elvira fosse uma mulher romantica,
talvez ao lado do marido gosasse distrac-
ções amaveis, pois elle era poeta.

Mas não, ella aborrecia-o. Fingia amal-
o, illudindo o desgraçado, que mais aman-
te e generoso se mostrava aos enganos e
caprichos dessa mulher.

A' tarde, quando elle reclinava indolen-

te na *chaise longue*, e punha-se a correr
os olhos pelo firmamento azul, aspirando
frouxas fumaças de um *havana*; ella,
mordia os labios vermelhos, humidos,
n'um assomo de raiva e desdem.

Então no seu coração de mulher trava-
va-se uma lueta medonha e uma idéa si-
nistra povoava-lhe a mente.

(Continua)

Através do occorrido

Acha-se entre nós, vindo de Itajahy,
onde residia ultimamente, o Dr. Frede-
rico Rolla, que vem occupar aqui o car-
go de *Inspector da Saude do Porto*.

Já tivemos a satisfação de travar co-
nhecimento com S. S., que é, a todos os
respeitos, um moço bastante digno e, como
nos disse em carta particular um grande
e criterioso amigo—uma individualidade
perfeita.

A impressão que recebemos ao vel-o,
foi magnifica e fiel.

O Dr. Rolla, formou-se em Medecina na
Bahia em 1882, e tem sempre, até hoje, na
espinhosa profissão que exerce, obtido as
maiores considerações e os mais sinceros
elogios.

Contará talvez os seus vinte e dous annos.
E' sympathico e possui uma agradabili-
dade atrahente e dominadora.

Afirmão-nos, com grande certeza e ver-
dade, que s.s. é uma das honras da sua ele-
vada classe, pelo seu talento e pelo seu
caracter.

Intimamente jubililósos por conhecê-lo,
saudamol-o com entusiasmo do alto
d'estas columnas.

* *

Deve apparecer hoje, segundo nos cons-
ta, mais um periodico illustrado intitula-
do: *Matraca*.

Apresentando ao collega, as curvatu-
ras dos nossos cumprimentos, desejamos-
lhe uma carreira brilhante e cheia de tri-
umphos.

* *

O presidente da provincia, José Lustosa
da Cunha Paranaaguá, deixou de pagar a
assignatura da nossa folha, corresponden-
te aos mezes de Janeiro e Fevereiro, forne-
cendo-nos assim assumpto para muitos nu-
meros e para muita cousa, como se costu-
ma dizer, até mandar satisfazel-as.

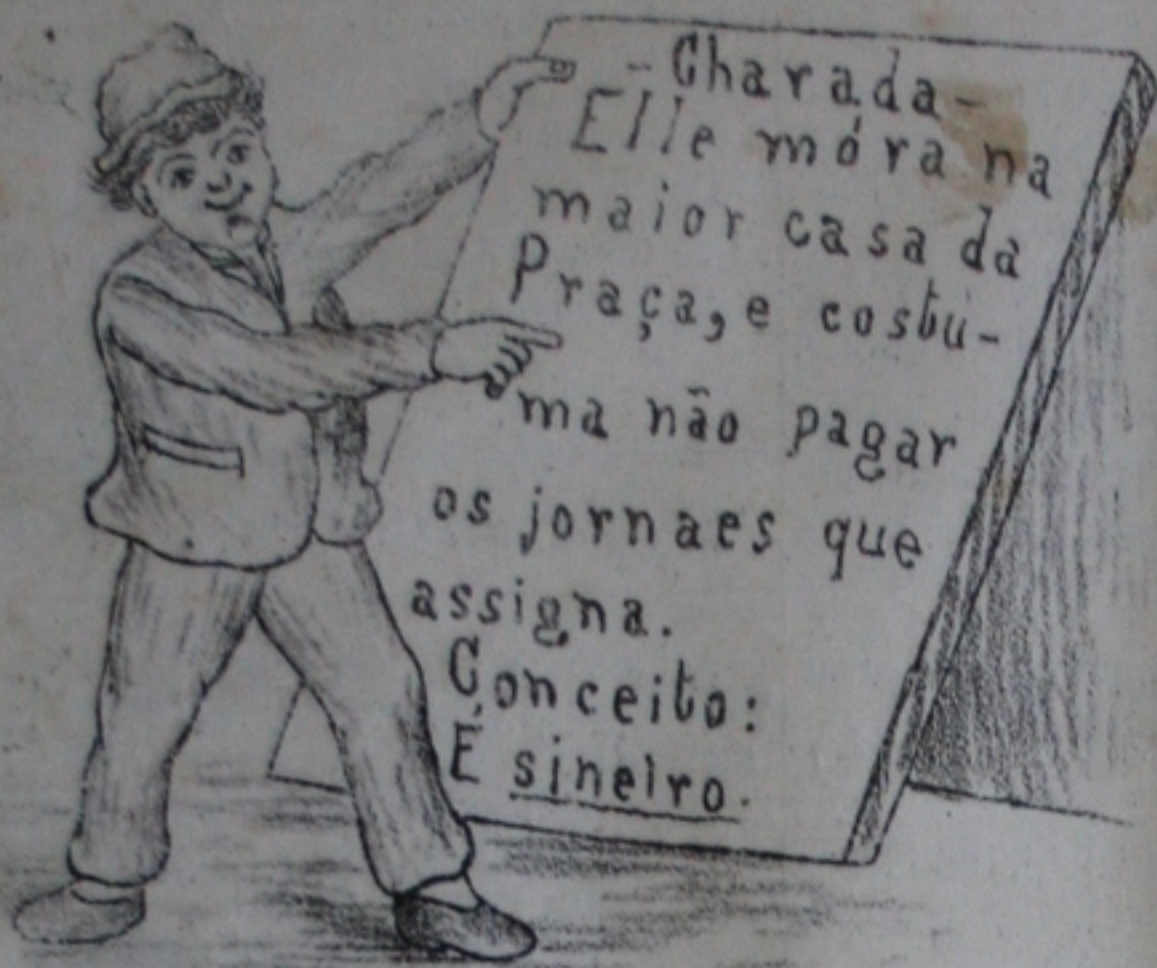
Que tal !...

* *

Embarcou para a Côrte, no dia 20 do
corrente, o celeberrimo vagabundo Mar-
cos de Tal, que, por sôbra de ociosidade,
levava a pasquinisar a vida de pessoas, cu-
jo caracter estava muito acima das suas
prodigiosas orelhas e da sua imbecilidade.

Que todos os ventos nunca mais o jê-
guem para cá, é o que desejão de coração
os catharinenses, e... nós tambem.

Coriolano d' Auvergne



Quando teremos o grande prazer
 de vêr o Lustrôsa arrumar as malas



e a provincia admirar-se d'essa
 sábia e louvavel resolução?



É isto o que as vezes nos põe
 bem triste e pensativo, porque



pôde muito bem, por uma qualquer
 fatalidade, elle conservar-se como
 um Todo Poderoso na cadeira presidencial.



Eis a grande posição a que foi jogado, ultimamente
 pelos seus escriptos, um fuão Marcos de ...